

CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA E A LEITURA DOS POEMAS DE DORA RIBEIRO

Maria Rosana Rodrigues Pinto Gama¹

Introdução à Crítica Feminista

O desenvolvimento do pensamento feminista tem, no âmbito da Literatura e da Crítica Literária,

Como instrumento para ler e interpretar o texto literário, a crítica feminista desde a publicação nos Estados Unidos da tese de doutorado de Kate Millett, *Sexual politics* (1970 e 1990), enquanto vertente da crítica literária, tem implicado significativas mudanças no campo intelectual, na quebra de paradigmas, na perspectiva de descobertas possíveis.

No Brasil, embora haja crescimento numérico quanto aos trabalhos acadêmicos que aplicam o referencial gênero aos estudos literários, a radiografia traçada por Liane Schneider nos programas de pós-graduação em Letras detecta que o tema mulher e literatura só é incluídos em categorias como literatura de minoria ou estudos culturais. Daí, nosso interesse em trilhar as possibilidades da leitura dos poemas de Dora Ribeiro por meio de conceitos operatórios da crítica feminista.

Para aportar os dados e referenciar os marcos analíticos no que diz respeito à crítica feminista, o termo feminismo é usado neste estudo como o movimento político, sinônimo de emancipação da mulher, recorreremos às referências do livro *Mulher e literatura: 25 anos- raízes e rumos*, publicado pela editora Mulheres, elaborado pelo grupo de trabalho Mulher e Literatura, vinculado à Anpoll (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística).

Após 25 anos de atuação nas atividades acadêmicas por meio de cursos, grupos e núcleos de pesquisa, eventos, teses e dissertações e produção teórica - crítica na área mulher e literatura, Stevens realiza um estado da arte da crítica e da pesquisa na área de estudos feministas e de gênero. “Os estudos feministas e de gênero apresentam sua evolução e tendências teóricas, as potencialidades políticas e epistemológica” afirma Stevens, que advoga ser campo de estudos e pesquisa que favorece a produção acadêmica e a sociedade.

A ênfase do enfoque sobre a mulher nas diversas áreas de estudo é resultado direto do movimento feminista das décadas de 1960 e 1970. Pretendeu-se/pretende-se principalmente destruir o mito da inferioridade “natural”, resgatar a história das mulheres, reivindicar a condição de sujeito na investigação da própria história, além de rever, criticamente, o que os homens até então tinham escrito a respeito (DUARTE apud SILVA, 2009).

¹ Aluna do Mestrado em Letras, da Universidade do Estado de Mato Grosso do Sul - UEMS - Campus Campo Grande - MS. Orientanda do prof. Danie Abrão. Contato: mariarosana2007@hotmail.com



As formas de investigar, em conjunto com a análise literária, com a perspectiva de gênero, com base em teorias críticas feministas. Nestes termos, a produção de conhecimento com vista a causar mudanças no *status quo*, tanto do cânone (no cânone literário, não eram muitas as escritoras incluídas), quanto do perfil e do estabelecimento da historiografia literária.

O que significa focalizar um grupo social como categoria de análise para atividade considerada universal e descorporificada como a literatura? Como se constituir como organismo oficial de pesquisa que procura instituir-se no pensamento acadêmico a fim de estruturar táticas e estratégias de questionamento da ordem estabelecida pela organização patriarcal?

Podemos exercitar a partir deste poema de Dora Ribeiro:

no negócio dos cheiros
está a matéria estreita da
vida
um arranjo frustrado entre
presente e futuro

é um crédito vulgar
que se carrega sem seguro

são vapores de um samba
guardado na memória
e esticados no terreiro de café
do meu avô
que conheci já sem frutos
(2009, p. 85)

Poderíamos utilizando os conceitos operatórios da crítica feminista, pensar no patriarcado, a imagem do avô, os terreiros de café, já sem fruto.

Virginia Woolf e Simone de Beauvoir: Alicerces da Crítica Literária Feminista

É por meio do movimento feminista que as mulheres começaram efetivamente a se conscientizar e se questionar acerca da sua condição (SILVA, 2009, p.22).

Virginia Woolf publicou em 1929, na Inglaterra, o livro *Um teto todo seu*, no qual apresenta estudo feito para conferências realizadas por ela em Cambridge, num estabelecimento de ensino para mulheres, com o tema mulher e literatura, sob o título “Mulher e Ficção”. Woolf constrói no decorrer de sua elaboração teórica uma análise da condição das mulheres, o impacto da pobreza, da condição de vigiadas, dos títulos dos livros na biblioteca, onde só há homens escritores e depois homens que falam sobre as mulheres. É a ausência de vozes femininas no universo literário.

São de Woolf (1990, p.131) afirmações como “a liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas nos últimos duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres têm tido menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos



atenienses”. Considerada precursora da crítica feminista, ela argumenta sobre a sujeição intelectual a que estão submetidas as mulheres. “A mulher, portanto, que nascesse com a veia poética no século XVI seria uma mulher infeliz, uma mulher em conflito consigo mesma” (WOOLF, 1990, p.?).

“Mesmo assim, a primeiríssima frase que eu escreveria aqui, disse, encaminhando-me até a escrivãzinha e apanhando a página com o título ‘As mulheres e a ficção’, é que é fatal, para quem quer que escreva, pensar em seu sexo. É fatal ser um homem ou uma mulher, pura e simplesmente; é preciso ser masculinamente feminina ou femininamente masculino” (WOOLF, 1990, p.122).

Simone de Beauvoir

Limites e Possibilidades para a Crítica Literária Feminista na Leitura dos Poemas de Dora Ribeiro

Toda obra literária sempre fala de si mesma e, ao fazê-lo, oferece pistas, indica caminhos para sua própria interpretação. As pistas, que não devem ser tomadas ao pé da letra, uma vez que nem sempre o escritor tem plena consciência de estar fazendo isto, como alertam Bastos e Araújo (2011). O poeta oferece provocação ao leitor e, neste estudo, é o que pretendemos, relacionando a poesia de Dora Ribeiro ao que designamos de superação das barreiras sexistas do patriarcado.

Ressaltamos que não se trata de uma poeta com marcas abertamente feministas por toda sua obra, nem que o livro *A teoria do jardim* seja declaração panfletária feminista, no entanto, como aponta o professor Daniel Abrão (2012, p.53), “quando se investiga a manutenção da subjetividade através de uma linguagem em que predomina a diluição discursiva, ... a resposta está em poemas, diluída entre o conjunto da obra, ... está como o sujeito contemporâneo, fragmentada, já que há uma apropriação produtiva da estética do fragmento”.

eu
já sem retrato para ser
artista
encontrei o inferno

foi encontro esperado
sem novidade
quase encomendado

a expiação
que ali começou
revelou que os
amantes deviam apenas
falar a língua do veneno

pior
foi ter perdido
a capacidade de consonância:
ver apenas os fragmentos
de que todas as historias e



coisas do mundo
são feitas
(RIBEIRO, 2009, p.50)

Não pretendemos nos deter sobre a escrita das mulheres, identificada conforme contexto de época, ou se o ato de escrever feminino revela novo olhar, diferente daquele que tem no escopo das estruturas de sua função social, ou se são inauguradas novas expressões de representação de situações que se configurarem na literatura, as experiências peculiares das autoras que refletem a visão de mundo por meio de comunicação da escrita, com novos pontos de vista, ou, ainda, as mulheres especificamente como parte da historiografia da literatura.

Sobre literatura de autoria feminina, servem-nos apenas as reflexões acerca da ideia de que não basta ter um sexo definido, ser "fêmea", para se exercer posição feminista no ofício de escrever literatura, de que não basta o objeto ligado à experiência da mulher ou ser do sexo feminino para tornar o texto feminista. O que torna um texto feminista é o seu ponto de vista.

desculpa
as minha mãos
e os calores que cheiram
e desfazem odores

quero mostrar o peso
de cada palavra
o fosso das imagens

perdi as janelas
de sol
que deixavam respirar os cabelos

domingo vou lavar as mãos
e os pés
e secar tudo com beijos de amanhã
(RIBEIRO, 2009, p.42)

Como dito pelo renomado professor Silviano Santiago, “Dora sabe de que nada adianta a utopia universal se a mulher não puder ‘coçar as costas da feminilidade’”. Convidada a participar do seminário *Vozes Femininas*, organizado por Flora Seussekind, Tânia Dias e Carlito Azevedo, Dora Ribeiro deu à sua fala o título “Reclusão voluntária”, que foi publicado no livro *Vozes Femininas: gênero, mediações e práticas de escrita* (2003). Alegando que o adjetivo feminina não era, afinal, redutor, mas uma espécie de reclusão voluntária para melhor se compreender parte da produção literária que historicamente não participou, de forma completa, nos seus grandes movimentos, afirma que sua poesia fala, é de fato feminina, “fala através de uma experiência feminina no mundo, do corpo, do amor e da política. Ela possui a marca do meu mundo que ainda, no meu tempo, não foi e não é igual para os dois sexos” (RIBEIRO, 2003). Apresenta o poema:

igreja de mulheres



no altar
nada
no vaticano
nada
na cama uma reza miudinha
(RIBEIRO, 2000, p.93)

O que vemos na poesia de Dora Ribeiro é um rumo contrário à desvalorização filosófica de Eros (SCHOTT, 1996), da interpretação de emoções, do desejo e da sexualidade como poluentes, decisivos para a construção da racionalidade com base na pureza, a dessensualização da existência, exigida no mundo governado por relações mercantis, apontada por Schott (1996), que trata do “caráter ameaçador do desejo sexual”(p.37), por ser uma força extremamente poderosa, vez que, ao se entregar ao desejo, acreditava-se, a alma perdia seu domínio sobre o corpo. Assim, as crenças e práticas referentes ao desejo sexual pelo ideal grego de pureza espiritual que deveria “rejeitar absolutamente todas as coisas poluidoras – sexualidade, morte e mulheres” (p.37).

E a mulher acreditava-se ser sobremaneira vulnerável à influencia erótica, embora Eros fosse considerado força ameaçadora a ambos os sexos. As restrições à atividade sexual aplicavam-se sobretudo às mulheres. A abstinência, o limite do sexo apenas para procriação, a oportunidade de prazer sexual limitado ao coito no casamento. Para os gregos, a sexualidade das mulheres é que deveria ser controlada, explica Schott (1996).

Ao presumir a sexualidade feminina como ameaçadora, a visão das mulheres como criaturas perigosamente sexuais, a representação das mulheres se deu como fonte de todo mal, embora existam divindades femininas no Monte Olimpo, o que se sobrepõe é a hostilidade para com a sexualidade feminina.

Outro aspecto relevante que se soma à aparente liberdade que permite a Dora Ribeiro o exercício de sua arte, transpondo barreiras sexistas, é a reflexão sobre as conclusões possíveis ao tomar a poesia enquanto escritora que parece transitar entre uma já alcançada queda dos limites proibitivos impostos à mulher, desde a grande derrota do sexo feminino, segundo Engels (2006, p.6). É o que vemos em

procuro o sexo do teu corpo
entre as minhas mãos
tentando encontrar ali
a vida

como em dogville
também aqui não há metáfora
possível para o sexo
talvez a única ação humana
para a qual não existe reforma literária

mas
será possível transformar
a força física
em pensamento?



vou estudar o assunto
talvez o sexo descubra
o instante
(RIBEIRO, 2009, p.59).

O que parecemos ver em Dora, quer pelas diversas significações de palavras repetidas, como corpo, sexo, desejo, boca, beijos dentre outras, constitui-se a dinâmica desta pesquisa. Igualmente nos interessa, na leitura dos poemas, verificar as possíveis reconfigurações da figura da mulher, das formas de ser e existir do feminino encarnado na mulher de seu tempo.

Angélica Soares, em seu artigo “Vozes femininas da liberação do erotismo”, afirma que a poesia de autoria feminina recria a liberação do desejo. “A figuração da mulher como sujeito da cena erótica [indica] o caráter desconstrutor da representação estereotipada de feminino e masculino, sustentada pelas tecnologias de gênero patriarcais, que reduplicam a percepção essencialista de uma feminilidade e uma masculinidade ‘naturais’” (2000, p.123). Essa percepção, calcada em fatores biológicos, encobre ideologicamente a sua verdadeira existência como uma construção cultural.

O grande investimento poético no erotismo pelas mulheres parece-me ter muito a ver com este momento de intenso trabalho de conscientização da necessidade de ruptura dos paradigmas repressores. Ao radicalizar os modos libertários de vivenciar o desejo, o poema acena com uma via de construção identitária e de redimensionamento das relações entre homem e mulher. O corpo torna-se nexos peculiar de cultura e escolha de “existir”. O próprio corpo se transforma em modo pessoal de examinar e interpretar normas de gênero recebidas.

A perspectiva feminista do corpo

A identidade pessoal é fortemente informada pelos padrões de gênero. Na perspectiva feminista, o processo de formação da identidade e as questões de gênero ocupam primeiro lugar. A identificação e a crítica desses padrões, apontando para as suas consequências na vida cotidiana de mulheres e homens, bem como para as suas possibilidades de transformação, têm sido uma tarefa permanente.

A tentativa de desfazer a identificação da mulher com a natureza, em contraposição à identificação dos homens com a cultura, de desnaturalizar o corpo, revelando seu papel como suporte de representações sociais, discursos e práticas sociais, além disso, as primeiras experiências humanas – como a aprendizagem e a socialização –, têm um registro corporal e é aí que estão as raízes da razão humana.

Ao tratar do tema corpo, enfatiza-se o desconhecimento que as mulheres ainda hoje possuem sobre seu próprio corpo, a sexualidade e o desejo. “O privado também é político!”; “nosso corpo nos pertence!”, mais que palavras de ordem, são afirmações que irão inspirar muitas das transformações propostas pelo feminismo.



Bibliografia

ABRÃO, Daniel. Aspectos do sujeito e da sociedade na poesia brasileira contemporânea. In: GOMES, Nataniel dos Santos; ABRÃO, Daniel (orgs.). *Pesquisa em letras: questões de língua e literatura*. Curitiba: Appris, 2012. p.41-59.

_____. *Poesia e pensamento no Catatau, de Paulo Leminski*. São José do Rio Preto: Unesp, 2007. Tese (Doutorado em Letras, Área de Concentração: Teoria da Literatura), Instituto de Biocências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2007. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brp/33004153015P2/2007/abrao_dr_dr_sjrp.pdf> Acesso em: 18 fev. 2014.

_____. *Poesia sul-mato-grossense contemporânea: tradição e contemporaneidade*. Campo Grande: UFMS, 2010.

ANTONIO, Patrícia Aparecida. Cinco poetas e o corpo na lírica brasileira contemporânea. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA. SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2011. *Anais do Silel*, v.2, n.2. Uberlândia: Edufu, 2011. 1-20. Disponível em: <<http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/587.pdf>> Acesso em: 18 fev. 2014.

ARISTÓTELES. *A arte poética*. Traduzido por Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2011.

AZEVEDO, Carlito. Seria uma rima, não seria uma solução. *JB*, 30 jul. 2006. Disponível em: <<http://www.regisbonvicino.com.br/catrel.asp?c=14&t=145>> Acesso em: 18 fev. 2014.

BASTOS, Hermenegildo José; ARAÚJO, Adriana de F. B. (orgs.). *Teoria e prática da crítica literária dialética*. Brasília: UnB, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. I – Fatos e mitos. II – A experiência vivida. Traduzido por Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla. *Feminismo como crítica da modernidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 35.ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1977.

CABANAS, Teresa. A aventura concretista: da técnica visual à tecnologia da informação, impasses e aporias. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.12, n.2, p.21-36, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/04/3-A-aventura-concretista.pdf>> Acesso em: 18 fev. 2014.



CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*: ensaios de teoria e crítica literária. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9.ed. rev. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. *Na sala de aula*: caderno de análise literária. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.

CASTRO, Junior César Ferreira de. Em busca dos parâmetros críticos na poesia lírica contemporânea: diálogo entre Brasil e Portugal. *Memento*, v. 2, n. 2, p.152-166, ago.-dez. 2011. Disponível em: <<http://revistas.unincor.br/index.php/memento/article/download/234/pdf>> Acesso em: 18 fev. 2014.

COHEN, Jean. *Estrutura da linguagem poética*. 2.ed. Traduzido por Álvaro Lorencini e Anne Arnichand. São Paulo: Cultrix, 1996.

COMPANHIA das Letras. *A TEORIA DO JARDIM* – Poemas. Dora Ribeiro. São Paulo: COMPANHIA das Letras. Disponível em: <<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12818>> Acesso em: 17 fev. 2014.

DICK, André Henrique. *Un coup de dés*: o testamento do espaço mallarmeano. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Dissertação (Mestrado em Letras, Literatura Comparada), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8639/000584653.pdf?sequence=1&locale=en>> Acesso em: 18 fev. 2014.

DURÃO, Fabio Akcelrud. *Teoria (literária) americana*: uma introdução crítica. Campinas: Autores Associados, 2011.

ENGELMANN, Magda S. C. *O jogo elocucional feminino*. Goiânia: Editora da UFG, 1996.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Traduzido por Ruth M. Klaus. São Paulo: Centauro, 2006.

FAGUNDES, Igor. Pela essência do movimento. *Rascunho*, Curitiba, out. 2009. Disponível em: <<http://rascunho.gazetadopovo.com.br/pela-essencia-do-movimento/>> Acesso em: 17 fev. 2014.

FRANCHETTI, Paulo. *Alguns aspectos da teoria da poesia concreta*. Campinas: Unicamp, 1982. Dissertação (Mestrado em Letras, Área de Concentração: Teoria Literária), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1982. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=vtls000048077>> Acesso em: 18 fev. 2014.



FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*: da metade do século XIX a meados do século XX. Texto traduzido por Marise M. Curioni, poesias traduzidas por Dora da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GARCEZ, Fabiano Fernandes. As várias artes poéticas contemporâneas. *Literatura*, edição 40, jan. 2012.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.) Introdução. In: _____ (org.). *Esses poetas*: uma antologia dos anos 90. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/esses-poetas-anos-90/>> Acesso em: 18 fev. 2014.

_____. *Tendências e impasses*: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIMA, Luiz Costa. *Intervenções*. São Paulo: Edusp, 2002.

_____. Jardins rarefeitos: poesia de Dora Ribeiro cria um sensualismo quase abstrato, de onde tira sua força e seus impasses. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 9 ago. 2009. +mais! <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0908200905.htm>> Acesso em: 17 fev. 2014.

MARQUES, Ivan. Caminho às avessas: em *A teoria do jardim*, Dora Ribeiro faz da poesia o reforço de sua identidade. *Cult*, São Paulo, n.139, set. 2009. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/caminho-as-avessas/>> Acesso em: 17 fev. 2014.

MATESCO, Viviane. *Corpo, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MENEGAZZO, Maria Adélia. *A poética do recorte*: estudo de literatura brasileira contemporânea. Campo Grande: UFMS, 2004.

MILLETT, Kate. *Sexual politics*. New York: Doubleday, 1970; Simon & Schuster, 1990.

MORICONI, Italo. Poesia 00: nota de apresentação e miniantologia. *Z Cultural*, ano IX, n. 01 Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/poesia-00-nota-de-apresentacao-e-mini-antologia-de-italo-moriconi/>> Acesso em: 18 fev. 2014.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino*: uma nova consciência para o encontro das diferenças. 5.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NUNES, Benedito. *A clave do poético*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



_____. A recente poesia brasileira: expressão e forma. *Novos Estudos Cebrap*, n. 31, p.171-183 out. 1991. Disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/65/20080624_a_recente_poesia_brasileira.pdf> Acesso em: 18 fev. 2014.

PAIXÃO, Fernando. *O que é poesia*. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Traduzido por Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. *O arco e a lira*. Traduzido Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Traduzido por Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Traduzido por Eni P. Orlandi. 2.ed. Campinas: Pontes, 1997.

PIRES, Antônio Donizeti. *Um panorama da poesia brasileira contemporânea*. Araraquara: FLC-Unesp, Departamento de Literatura, Área de Literatura Brasileira, 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/92736529/Apostila-Poesia-contemporanea-2011>> Acesso em: 16 fev. 2014.

PIRES, Francisco Quinteiro. A vontade de se perder no labirinto: Dora Ribeiro dá novas respostas para temas antigos em A Teoria do Jardim. *O Estadão de S. Paulo*, São Paulo, 7 ago. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,a-vontade-de-se-perder-no-labirinto,415379,0.htm>> Acesso em: 15 fev. 2014.

PRZYBYCIEN, Regina; GOMES, Cleusa (orgs.). *Poetas mulheres que pensaram o século XX*. Curitiba: UFPR, 2007.

RIBEIRO, Dora. *A teoria do jardim: poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Bicho do mato*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

_____. *Ladrilho de palavras*. Tipografia do Jornal do Comércio, 1986.

_____. *Olho empírico*. Rio de Janeiro: Babel, 2011.

_____. Reclusão voluntária. SUSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito (orgs.). *Vozes femininas: gênero, mediações e práticas de escrita*. Rio de Janeiro: 7 Letras; Fundação Rui Barbosa, 2003.

ROSA, M. G. S.; NOGUEIRA, A. X. *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*. Campo Grande: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2011.



SANTOS, Josiclei de Souza. *Identidade e erotismo em batuque, de Bruno Menezes*. Belém: UFPA, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Letras e Comunicação, 2008.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

SCHNEIDER, Liane. Programas de pós-graduação em Letras: onde andará a ‘mulher’, o ‘feminismo’, o ‘gênero’?. In: STEVENS, Cristina (org.). *Mulher e literatura – 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

SCHOTT, Robin May. *Eros e os processos cognitivos: uma crítica da objetividade em filosofia*. Traduzido por Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1996.

SHARPE, Peggy (org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Mulheres; Goiânia: UFG, 1997.

SILVA, Jacicarla Souza da. *Vozes femininas da poesia latino-americana: Cecília e as poetisas uruguaias*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SILVA, Vitor Manoel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 3.ed. rev. aum. Coimbra: Almedina, 1973.

SIMON, Iumna Maria. Esteticismo e participação: as vanguardas poéticas no contexto brasileiro (1954-1969). *Novos Estudos Cebrap*, n. 26, p.120-140, mar. 1990. Disponível em:

<http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/60/20080624_esteticismo_e_participacao.pdf> Acesso em: 19 fev. 2014.

SOARES, Angélica. Vozes femininas da liberação do erotismo (Momentos selecionados na poesia brasileira). *Via Atlântica*, n.4, p.118-129, out. 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49606/53681>> Acesso em: 18 fev. 2014.

STEVENS, Cristina (org.). *Mulher e literatura – 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Mulheres, 2010.

SUSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito (orgs.). *Vozes femininas: gênero, mediações e práticas de escrita*. Rio de Janeiro: 7 Letras; Fundação Rui Barbosa, 2003.

TONEDO, Diana J. Martha. Memória se deseja: o resto se ouça ou veja – considerações sobre memória, corpo e desejo em um poema de Frederico Barbosa. *Olho d’água*, São José do Rio Preto, 2(1): p. 126-140, 2010. Disponível em: <<http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/51/64>> Acesso em: 14 fev. 2014.



TÜRCKE, Christoph. *Sociedade excitada*: filosofia da sensação. Traduzido por Antonio A. S. Zuin et al. Campinas: Unicamp, 2010.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Traduzido por Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1990.

ZOLIN, Lucia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.) *Teoria literária*: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2.ed. rev. ampl. Maringá: Eduem, 2005. p.181-203.

Endereços eletrônicos com poemas de dora ribeiro

RIBEIRO, Dora. poemas escritos na China. *Floema*, n.7, ano VI, p. 155-157, jul./dez. 2010 Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/floema/article/viewFile/471/515>> Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. amor à paisana. *A vida secreta das palavras*: o blog da biblioteca da escola secundária de Tondela, Feb. 19, 2013. Disponível em: <<http://a-vida-secreta-das-palavras.blogspot.com.br/2013/02/dora-ribeiro.html#!/2013/02/dora-ribeiro.html>> Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. poema sem título. *Armando Antenore*: jornalismo, 15 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.armandoantenore.com.br/2011/12/page/4>> Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. um poeta se faz no silêncio. *Ser longe*, 28 ago. 2012. Disponível em: <<http://serlonge.blogspot.com.br/2012/08/o-dia-que-nao-terminou.html>> Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. Poema do Olho Empírico de Dora Ribeiro. *Oswaldo Martins*, 17 nov. 2011. Disponível em: <<http://osmarti.blogspot.com.br/2011/11/poema-do-olho-empirico-de-dora-ribeiro.html>> Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. Meu cinema. *Um pouco de poesia*, 4 out. 2012. Disponível em: <<http://umpoucodepoesia-msframos.blogspot.com.br/2012/10/meu-cinema-dora-ribeiro-1960.html>> Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. dancei para fazer chuva. *Eutomia*, edição 9, ano V, p.671-672, jul/2012. Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/v2/wp-content/uploads/2012/08/Dora-Ribeiro_p.671-672.pdf> Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. Um poema de Dora Ribeiro. In: _____. *O poeta não existe*. Lisboa: Angelus Novus-Cotovia, 2005. p.57. (Coleção Inimigo Rumor) Disponível em:



<<http://meianoitetododia.blogspot.com.br/search/label/Dora%20Ribeiro>> Acesso em: 19 fev. 2014.

ARTIGOS DE DORA RIBEIRO

RIBEIRO, Dora. Escrava da liberdade, a poesia. *Pessoa*, 11 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.revistapessoa.com/2012/03/escrava-da-liberdade-a-poesia/>> Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. Chorar a humanidade. *Pessoa*, 11 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.revistapessoa.com/2012/03/chorar-a-humanidade/>> Acesso em: 19 fev. 2014.

_____. O instinto da arte. *Pessoa*, 11 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.revistapessoa.com/2012/03/o-instinto-da-arte/>> Acesso em: 19 fev. 2014.

